



## Dimensões existenciais e vivências esportivas: as experiências de atletas com deficiência visual

### Existential dimensions and lived experiences in sports: the experiences of athletes with visual disability

Leandro Penna Ranieri  
Cristiano Roque Antunes Barreira  
Universidade de São Paulo  
Brasil

#### Resumo

O objetivo desta investigação foi identificar e compreender as experiências esportivas significativas relatadas por atletas com deficiência visual, e suas possíveis repercussões na vida cotidiana dessas pessoas. Por meio da arqueologia fenomenológica das culturas, a análise de entrevistas em profundidade, realizadas com quatro atletas, permitiu apreender e descrever estas experiências vividas no nível fundamental das mesmas. Os atletas com deficiência visual, no esporte, experimentam uma situação de efetividade corporal, de ampliação – de sua condição existencial, da condição do corpo no mundo – e, assim, experimentam a potencialização de seu ser no mundo.

**Palavras-chave:** experiências de vida; deficiência visual; psicologia; psicologia do esporte; fenomenologia

#### Abstract

The purpose of this research was to identify and understand the meaningful sport experiences reported by athletes with visual disability, and their possible impact on the daily lives of these people. Through the phenomenological archaeology of cultures, the in-depth analysis of interviews with four athletes allowed to understand and describe these experiences in their fundamental level. Athletes with visual impairment in sports experience an effectiveness of the body, an enlargement – of their existential condition, of the body in the world – and, thus, they experience the potential of their being in world.

**Keywords:** life experiences; visual disability; psychology; sport psychology; phenomenology

#### Introdução

Para situar o tema desse trabalho, as experiências esportivas de atletas com deficiência visual<sup>1</sup>, entende-se necessário mapear alguns aspectos relativos ao modo como o esporte, como área de conhecimento, é edificado cientificamente permitindo-se, assim, localizar e justificar a perspectiva de abordagem fenomenológica em psicologia do esporte.

Tomando o esporte como uma área do conhecimento, isto é, como ciências do esporte, podem ser percebidos dois quadros representativos de sua disposição na atualidade. Num primeiro panorama, apresentam-se as prioridades e os paradigmas que as ciências naturais e

---

<sup>1</sup> Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



biológicas (fisiologia, anatomia, bioquímica, biomecânica) constituíram cientificamente e que permaneceram como estatutos do saber relacionado à prática esportiva. Aí o “desporto é visto apenas sob os prismas da economia, das tricas e do resultado. Não merece outra focagem. Nem outra história” (Bento, 2003, p. 14). Antes de abordar o segundo quadro das ciências do esporte, para além da mesma como área do conhecimento, deve-se ter em consideração que, atualmente, este fenômeno atinge muitas pessoas em todo o mundo através da prática comum, até o esporte de alto rendimento, direcionado para as grandes competições nacionais e mundiais. Na realidade, uma soma de fatores contribuiu para que o rendimento se tornasse a meta prevalente do fenômeno esportivo, sendo que todos esses fatores envolvem a ampliação da valorização social do esporte, ou seja, este fenômeno deixa de ser algo secundário enquanto atividade das pessoas na vida cotidiana, tornando-se, no limite, uma prioridade. É nesse momento também que os interesses presentes no esporte se conjugam ao método científico, retornando à descrição do primeiro aspecto deste panorama. Portanto, sintetizando o movimento demonstrado nesse momento,

A enorme evolução que o desporto teve no século XX transformou-o nos seus conceitos, práticas e modelos de organização. Os métodos de treino e os desempenhos desportivos alcançaram níveis de excelência antes inimagináveis, para o que têm contribuído a ciência e a tecnologia chamadas a participar num domínio tornado um espetáculo e uma actividade sócio-económica de relevância mundial. Em consequência registrou-se um deslocamento do epicentro, originalmente colocado na pessoa que o desporto visava melhorar, para o efeito do rendimento produzido pelo praticante. De sujeito, o atleta tende a transformar-se em objecto (Serpa, 2007, p. 371).

Numa outra perspectiva, a área tem recebido contribuições das produções do tipo interdisciplinar, como no campo das ciências humanas e ciências do esporte, favorecendo a formação de uma dimensão que aborde o esporte como fenômeno complexo. Pela complexidade de manifestações do fenômeno esportivo, ele se torna na atualidade um “espaço de encontros” (Gaya, 2007, p. 204). Nessa perspectiva, que se propõe desde o início a não ser reducionista, o esporte é *tematizado*, ou seja, torna-se objeto de reflexão, podendo ser um ponto de convergência de múltiplos olhares, em que ganha espaço a importância de análises fenomenológicas das vivências esportivas de atletas/praticantes para a configuração teórico-metodológica desta temática, além das potenciais contribuições da pesquisa qualitativa para este campo do saber. Se de atividade cotidiana das pessoas o esporte passou à tematização científica objetivada, são as pesquisas qualitativas aquelas que, entre outras coisas, podem revisitar compreensivamente essa dimensão cotidiana em que sujeito e objeto esportivos emergem na experiência vivida, a fim de evidenciar os fenômenos existencialmente determinantes na expressão esportiva.

Nessa perspectiva, o esporte é um fenômeno em que são manifestadas diversas vivências e busca-se a prática com inúmeros objetivos. “É um palco onde entra em cena a



representação do corpo, das suas possibilidades e limites, do diálogo e da relação com a nossa natureza interior e exterior, com a vida e o mundo” (Bento, 2002, p. 7). Torna-se mais importante do que a busca por uma definição de esporte a tentativa de compreender quem é o praticante/atleta, ou seja, o ser humano dentro do esporte, para assim considerar-se este fenômeno como uma ferramenta do indivíduo e não o contrário (Garcia, 2002). “Uma teoria sobre o desporto deverá levar em consideração a diversidade humana, considerando-se ela mesma diversa, indicando possibilidades várias sem estigmatizar situações ou atitudes” (Idem, p. 334). Portanto, nesse segundo quadro das ciências do esporte, trata-se de alargar “o olhar para a função de humanização – que ele [o esporte] assume e o torna indispensável. Sem desporto o envolvimento cultural empobrece, torna-se descarnado e ressequido de emoções e paixões” (Bento, 2003, p. 14).

De encontro às possibilidades da tematização do esporte, em vários momentos este fenômeno pode ser marcado como um âmbito de busca incessante pelo rendimento máximo, o que direciona de forma unívoca esta manifestação. Tomar o esporte somente sob a ótica competitiva é podar as ramificações das múltiplas possibilidades da manifestação desse fenômeno. Mesmo com este enfoque insistentemente definido como prioritário, isto é, o esporte ser reduzido a um local de competição – tornando-se, como consequência, um território de exclusões naturalizadas –, tendo como metas o desempenho máximo, a beleza corporal e outros valores socialmente reiterados, observa-se que a potencialidade do esporte está também em ser um fenômeno em que oportunidades de manifestações corporais diversas e intensas surgem, explorando as limitações, potencialidades, capacidades e habilidades; surgem emoções, sentimentos e percepções, como satisfação, alegria, raiva, superação, bem-estar, socialização, derrota, fraqueza, incapacidade, entre tantos outros, nomeados e inominados. Em resumo, “a riqueza do esporte está na sua diversidade de significados e re-significados” (Paes, 2002, p. 90) e na predisposição em atuar no mundo da vida<sup>2</sup>, incluindo a relação interpessoal pelo suporte imediato do corpo em movimento

---

<sup>2</sup> O mundo da vida é um conceito axial para haver compreensão adequada dos alcances da fenomenologia de Edmund Husserl. Trata-se de um conceito que corresponde à experiência de consciência do mundo tal como ele se mostra, sem a mediação do conhecimento/atitude teórico, isto é, científico. Assim, antes de se passar a uma citação que descreve em grandes linhas o mundo da vida nas palavras do próprio Husserl, deve-se destacar este caráter pré-científico da experiência própria ao mundo da vida que se cumpre em atitude natural. O filósofo destaca que “há diversos modos da práxis para o homem no seu mundo circundante, entre os quais um modo tardio e único no seu gênero: a práxis teórica. Ela tem os seus próprios métodos profissionais, é a arte das teorias, da descoberta e certificação de verdades com um novo sentido ideal, estranho à vida pré-científica, o sentido de uma certa ‘validade definitiva’ e universal” (Husserl, 2012, p. 90). A objetividade científico explicativa que faz da prática esportiva um campo de provas e comprovações mensuráveis, obstrui o acesso ao mundo da vida no esporte enquanto experiência no registro da *intuitividade principal*. Isto não diminui em nada a validade dos achados científicos objetivos. Alerta, entretanto, para o fato de que seu solo de origem está no mundo da vida que, por sua vez, também pode ser cientificamente conhecido. Ao considerar o mundo circundante, Husserl afirma que: “Em termos do mundo da vida, somos nele objetos entre objetos, como estando aqui e ali, na certeza simples da experiência, antes de quaisquer verificações científicas, sejam elas fisiológicas, psicológicas, sociológicas etc. Somos, por outro lado, sujeitos para esse mundo, a saber, como os eus-sujeitos a ele referidos de modo teleologicamente ativo, que o experienciam, consideram, valorizam, para quem este mundo circundante tem



devotado numa intencionalidade operatória. Em outras palavras, a riqueza do esporte está muito menos no registro categorial objetivo de suas marcas e metas cientificamente mensuráveis, e muito mais no solo da experiência cultural pessoal que o realiza na socialidade dos encontros.

Neste tipo de consideração, o enfoque se aproxima das esferas analíticas de uma perspectiva fenomenológica clássica que caracterizam o ser humano transcendentemente, como os atos e correlatos próprios às dimensões corpórea, psíquica e espiritual, sem qualquer risco de desconsideração pelas esferas culturais, sociais, históricas, políticas em que o ser humano vive, as quais justamente aparecem entrelaçadas àquelas dimensões vivenciais (Ales Bello 1998, 2004, 2006; Husserl 2001, 2004, 2012).

Dessa maneira, ao adotar um olhar orientado para o esporte como um fenômeno tematizado e como *locus* onde são manifestadas vivências intensas por parte dos praticantes/atletas, exige-se uma atenção sensível, experiencial, fenomenológica no sentido da apreensão da experiência humana enquanto tal. Ao falar de dimensões existenciais do esporte, pretende-se atingir a esfera das experiências vivenciais, identificar aquelas experiências que têm lugar existencialmente significativo, passando, num segundo momento, a compreender a temática a que se dedica este trabalho: como o atleta com deficiência visual vive as experiências esportivas. Através da narrativa sobre a experiência vivida, é possível acessá-la de maneira autêntica, isto é, em primeira pessoa, trazendo seu significado existencial para o atleta.

Para além das motivações originárias da prática esportiva para pessoas com deficiência visual, como a reabilitação física e ocupacional, vê-se que o esporte adquire propensão e significado notáveis em suas vidas (Ranieri & Barreira, 2008a, 2008b), não condizentes com as justificativas normatizantes e instrumentais que se fazem presentes muitas vezes no esporte adaptado.

Nesse sentido, como já mencionado, o esporte é um âmbito onde essas manifestações podem ocorrer sem serem reduzidas por teorizações e, no caso desta investigação, parte-se daquilo que é manifesto a partir das narrativas de seus sujeitos. Além disso, o momento da entrevista, procedimento de coleta utilizado neste trabalho, busca valorizar a narrativa do sujeito e os praticantes são conduzidos a estabelecer uma relação entre suas práticas e a reflexão sobre elas, sendo este um caminho para se valorizar o processo – ao contrário da ênfase no produto e no resultado – através da narrativa (Hochstetler, 2003). Pelo reconhecimento das experiências vividas das pessoas com deficiência, estas podem retomar

---

somente o sentido de ser que as nossas experiências, os nossos pensamentos, as nossas valorizações etc., em cada caso lhe confirmam, e segundo os modos de validade (a certeza, a possibilidade, eventualmente a aparência do ser etc.) que de fato realizamos, como os sujeitos das validades, e de que dispomos e trazemos em nós como aquisições habituais anteriores, como validades de tal ou tal conteúdo, de novo, arbitrariamente atualizáveis. Isto é, certo, em múltiplas alterações, enquanto 'o' mundo se mantém sendo de modo unitário, corrigindo-se somente no seu conteúdo" (idem, p. 84).



aspectos legitimadores de si e da dignidade humana contrários àqueles que, pautados na ótica normatizadora de um ideal de perfeição corporal, cotidianamente as desvalorizam como pessoas (Overboe, 1999; Sandel, 2013).

Contudo, o sujeito praticante ainda não é, muitas vezes, o foco da discussão e reflexão sobre o tema (Moura & Castro, 2002) e a pessoa com deficiência não participa de maneira efetiva nas investigações na área, isto é, comumente os pesquisadores não possuem nenhum tipo de deficiência e, em geral, nas pesquisas realizadas os sujeitos com deficiência não participam colaborativamente no desenvolvimento das mesmas (Bredahl, 2007). O foco predominante tende àquilo que caracteriza o sujeito objetivamente em diversos ambientes, inclusive no esporte adaptado: a deficiência. É no sentido de *corpo vivido*<sup>3</sup> que a corporeidade da pessoa com deficiência deve ser compreendida (Ancet, 2008; Edwards, 1998; Masini, 1992, 1994; Porto, 2005; Toombs, 1995; Winance, 2006), ou seja, a valorização da pessoa passa pela apreensão de suas experiências vividas enquanto tais, destacando o papel do corpo (Edwards, 1998; Overboe, 1999) e evidenciando o alcance ético do uso do conceito.

Especificamente em relação ao objeto tematizado deste trabalho, há na literatura vínculos entre as contribuições da fenomenologia para área de educação física e esporte (Brown & Payne, 2009; Surdi & Kunz, 2009; Kunz, 2000), passando para as comunicações entre fenomenologia e deficiência (Ancet, 2008; Edwards, 1998; Masini, 1992, 1993 e 1994; Porto, 2005; Toombs, 1995; Winance, 2006) e, por fim, o diálogo entre os três temas – esporte, pessoas com deficiência e fenomenologia (Connolly, 1995). É interessante constatar que, há pouco menos de quinze anos, Kerry e Armour (2000) avaliavam que eram raros os trabalhos na área de estudos do esporte que se preocupavam em observar este conteúdo subjetivo da experiência vivencial do sujeito por meio do relato e da análise fenomenológica. Há menos tempo, Brown e Payne (2009) concluem de forma específica que, dentro da área de Educação Física e Esporte, os estudos, mesmo que promissores, ainda estão em fase de nascimento e desenvolvimento, e os mesmos podem receber contribuições críticas e aprofundadas ao ampliar sua rede de comunicação com outras áreas que se valem da fenomenologia como abordagem investigativa. Estas contribuições antecipam a realização de estudos como o presente e contemplam a fundamentação interdisciplinar desta investigação.

---

<sup>3</sup> O *leib* (corpo vivente) é uma expressão da fenomenologia que destaca a dimensão vivencial do corpo, enquanto ponto de zero de referência sensível do eu em relação ao mundo, ao contrário do *körper*, corpo físico, objetivado. Corpo próprio, corpo vivido, corpo sujeito, *Lived Body*, são possibilidades de uso com o mesmo sentido. O conceito é trabalhado em inúmeros trabalhos da obra de Husserl, com destaque para o célebre *Ideias II* (Husserl, 2004), manuscrito não publicado em vida que foi consultado e estudado pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) inspirando-lhe a adotar o conceito. Ao tratar do corpo próprio como corpo no mundo, isto é, em relação ao meio ou mundo circundante [aspecto analisado por Husserl (Barreira, Ranieri & Carbinatto, 2009)], Merleau-Ponty também analisa as potencialidades vivenciais deste corpo, como corpo fenomenal – inclusive em relação à motricidade (movimento intencional) –, aquele que não é tomado como objeto físico mensurável, mas que é vivido de forma original e de modo entrelaçado a outras dimensões vivenciais (Merleau-Ponty, 2011). Prezando pela originalidade da fenomenologia clássica para a presente fundamentação, a análise da experiência ora realizada se vale da distinção entre os diferentes atos de consciência que a constituem, a exemplo do que vem sendo feito enquanto aplicação da arqueologia fenomenológica das culturas (Barreira, 2013).



Durante a prática esportiva, o atleta com deficiência pode viver num momento em que a sua condição, definida clinicamente pelo limite e de modo predominantemente estigmatizado durante sua vida cotidiana, não é mais a característica primeira que define a percepção a seu respeito pelos outros e por si mesmo enquanto pessoa. Dessa forma, há a possibilidade de valorização do momento de prática esportiva, ao se revelarem, por parte do sujeito, durante o movimento, vivências que abarcam dimensões humanas que o caracterizam; estas vivências intensas são potenciais objetos de estudo ainda pouco explorados em investigações qualitativas que tem como tema o fenômeno esportivo. Aponta-se, então, para a atitude diferenciada presente neste estudo que pretende compreendê-lo desta maneira, isto é, não interessada em aspectos objetivos e quantitativos, mas curiosa com o que o próprio sujeito vive e dá significado.

Nesse sentido, ao se tratar dimensões existenciais do esporte como ponto de partida do olhar investigativo, pretende-se atingir aquilo que é mundanamente subjetivo, acessando a dimensão das experiências vivenciais, para se compreender como o atleta com deficiência visual vive as experiências esportivas. Independentemente das definições sobre esporte, as pessoas o *vivem* – a dimensão existencial corresponde precisamente ao que se busca aqui: como os participantes desta pesquisa vivem o esporte. O foco está naquilo que é vivido corporalmente pelo praticante e que recebe apreço e significado existencial da prática esportiva. Há a importância da prática esportiva na vida destes atletas, sendo que a mesma é ancorada no envolvimento corporal durante a atividade e transcende o próprio momento da mesma prática, recebendo um reconhecimento avalizado em sua vida cotidiana. Como um *fenômeno enquanto recordado*, este testemunho da experiência na vida diária se dá a partir das vivências intensas durante a prática esportiva. A partir da perspectiva da fenomenologia, que visa esclarecer, elucidar, compreender a própria experiência, pretende-se ir ao encontro do que constitui tal objeto pulsante ao se tratar do fenômeno e experiência esportiva e das possibilidades de sua presença na vida cotidiana dos atletas com deficiência visual. Portanto, o objetivo que pautou esta investigação foi identificar e compreender as experiências esportivas significativas relatadas por atletas com deficiência visual. Valendo-se da arqueologia fenomenológica das culturas, perspectiva ampliada da análise fenomenológica clássica, dedicada a objetos culturais, buscou-se apreender e descrever estas experiências vividas no nível fundamental das mesmas. Também se pretendeu localizar, caso tal emergência se manifestasse durante os relatos, a relação destas experiências vividas durante a prática esportiva e a sua repercussão nas atitudes cotidianas destes atletas.

### **Do princípio fenomenológico**

Edmund Husserl (1859–1938) constituiu originalmente uma ciência voltada para o estudo daquilo que se manifesta à consciência intencional (*consciência de*). Fenomenologia



como ciência e método teórico-filosófico rigoroso, visa a reflexão sobre os fenômenos, aquilo que se manifesta, isto é, as experiências vivenciais. Numa explanação sumária, no tocante aos seus objetos e objetivos, o trilhar metodológico da fenomenologia predispõe o pesquisador a entrar em contato com o conteúdo da vivência pré-reflexiva, deixando de lado paulatinamente tanto o posicionamento prévio de uma ciência e suas teses como aquilo que define o objeto de estudo, como pré-conceitos ou pré-juízos. Como uma *atitude* ou *conversão fenomenológica*, há o esforço de partir sem pré-teorias ao se aproximar do objeto, apreendendo aquilo que é, deixando as coisas mesmas se manifestarem. Para que se possa chegar à vivência manifestada em primeira pessoa pela narrativa – o que se coloca no enquadre procedimental de uma investigação fenomenológica em psicologia que se quer coerente com a perspectiva clássica (Barreira & Ranieri, 2013) – “é necessária uma nova *maneira de se orientar, inteiramente diferente* da orientação natural na experiência e no pensar” (Husserl, 2006, p. 27). Mantêm-se a divisa husserliana de haver um *retorno às coisas mesmas* (Husserl, 2001), na tentativa de atingir a constituição do objeto buscado, a fim de compreendê-lo e descrevê-lo (Ales Bello, 2004). A partir desse caminho, será possível *identificar* o lugar e os significados das experiências esportivas na vida do atleta com deficiência visual, como um *recorte existencial*, na tentativa de *compreensão* de como se configuram tais vivências.

## 1 Entrevistas fenomenológicas

Em pesquisa qualitativa empírica, um dos modos usados para se aproximar das experiências vividas das pessoas é o relato/narrativa. No caso da pesquisa, em que tal relato estará sob análise, é necessário seu registro – mormente audiogravado – e posterior transcrição. O procedimento típico de entrevista caracteriza o instrumento e momento de contato com a experiência do sujeito colaborador. Neste caso, busca-se um meio que permita a narração das experiências vividas, o qual foi denominado *entrevista sob orientação fenomenológica*.

Há uma pergunta norteadora (“Como surgiu o esporte em sua vida?”) de acordo com a característica do objeto *experiências esportivas significativas*. Esta pergunta provocou e possibilitou aos participantes recorrerem a seu percurso esportivo desde seu início e, a partir disto, foi possível durante a entrevista aprofundar em experiências que foram marcantes em sua vida.

O esforço necessário para a coleta do relato do sujeito condiz com a caracterização do método desde a postura inicial do pesquisador/entrevistador para que estivesse sempre atento no momento da entrevista ao relato do sujeito, testemunhando a experiência vivida do outro. O posicionamento do pesquisador/entrevistador é fundamental neste tipo de entrevista. A atenção para “chamar” a experiência no momento da entrevista se relaciona com a característica do aprofundamento numa dimensão experiencial normalmente tácita



(Stelter, 2000). A experiência corporal, objeto buscado no momento da entrevista, é pré-reflexiva, e, por tal peculiaridade, não emerge de maneira imediata e racionalizada, exigindo etapas preparatórias bem orientadas segundo a fundamentação do método fenomenológico (idem).

Por fim, há um elemento fenomenológico próprio da entrevista: a relação entre entrevistador-entrevistado, permeado pela empatia. Nesse sentido, a empatia aqui é tomada a partir das análises de Edith Stein (1891-1942). De forma breve, a relação empática, e sua tomada de consciência, permite uma abertura à experiência do outro, visto como semelhante nas possibilidades vivenciais, mas que as vive de maneira própria, original: o outro como outro eu (Ranieri & Barreira, 2012). Este reconhecimento da vivência do outro, num primeiro momento estranha, é o que permite, durante a entrevista, a busca por seu esclarecimento por meio da narrativa do sujeito entrevistado com base na “escuta suspensiva” do entrevistador, conceito que replica a atitude fenomenológica na relação intersubjetiva (Barreira & Ranieri, 2013).

## 2 Análise fenomenológica: A redução

Tanto na descrição sobre a fenomenologia, como na explicação do processo de análise das experiências vivenciais, vale-se neste artigo das obras de Angela Ales Bello, filósofa cujo trabalho tem contribuído para a disseminação e compreensão da fenomenologia clássica no Brasil. No momento da análise, com uma postura reflexiva, crítica, sobre o relato transcrito, além da tentativa de manutenção do processo gradual de posicionar-se sem pré-definições frente ao material, ou seja, com uma atitude de “deixar falarem as coisas mesmas” (Ales Bello, 2004, p. 80), o pesquisador deve se preparar para se aprofundar na experiência vivida, se debruçando sobre a narrativa transcrita, escavando-a e descolando a atitude natural para que se tente chegar à estrutura-base da vivência. Este processo fundamental, sistemático e orientado a uma estratificação gradual, é denominado de *redução fenomenológica*. O ato de “colocar entre parênteses a existência das coisas”, apagar a luz da existência factual e acender a luz da essência – “do sentido das coisas” –, que foi esquecido pelo positivismo (Ales Bello, 2004, p. 83), isto é, o processo de deixar de lado a existência (atitude natural) para deixar-se mostrar aquilo que é ou evidenciar a essência é o que Husserl chama de *redução eidética*, que é o primeiro passo do método fenomenológico (idem, p. 85).

A apreensão da estrutura da experiência vivencial – *como* a experiência se manifesta – ocorre como um testemunho atento do encadeamento de motivos que expressam facetas essenciais do fluxo de consciência do sujeito. A análise intencional apreende ou capta a estrutura típica, a qual é específica e própria do objeto, daquilo que se mostra essencialmente.

Por fim, o pesquisador descreve fenomenologicamente a estrutura típica conforme ela se mostrou após o percurso e a tentativa de captar essa matriz do objeto. Ela segue duas



direções: a primeira para o “interior do sujeito analisando as experiências vivenciais” – “o que se vive” – e a segunda se preocupando com a intersubjetividade, analisando as perspectivas de mundo (Ales Bello, 1998, p. 36). Por isso, apresenta-se uma via de reconstrução por meio da *arqueologia fenomenológica*.

### 3 Os sujeitos participantes

Foram realizadas quatro entrevistas com atletas com deficiência visual, todos praticantes há mais de um ano e que já competiram pelo menos algumas vezes em competições regionais, bem como alguns também em competições nacionais e/ou internacionais. A título de definição dos sujeitos entrevistados, três deles são classificados para as competições esportivas como B1, ou seja, não possuem nenhum resquício visual (sujeitos 1, 3 e 4) e o outro é classificado como B3, com maior resquício visual (sujeito 2). O sujeito 1, homem de aproximadamente 26 anos com deficiência visual congênita, treina e compete nas modalidades *goalball* e futebol de 5. O sujeito 2, homem de aproximadamente 24 anos, se dedica ao *goalball*. O sujeito 3, homem de aproximadamente 43 anos com deficiência visual congênita, treina e compete pela modalidade *goalball*. O sujeito 4, mulher de aproximadamente 34 anos com deficiência visual adquirida na adolescência, treina e compete pela modalidade *goalball* e atletismo, especificamente as provas de campo de arremesso de peso e lançamento de dardo, mas não é tão assídua em treinamentos como na modalidade *goalball*.

Os atletas que concordaram em participar voluntariamente das entrevistas foram informados dos objetivos e conteúdos da pesquisa a partir de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, incluindo os detalhes sobre a gravação da entrevista, tendo a garantia do sigilo dos seus nomes, preservando sua privacidade. Esta investigação primou pelos cuidados e preceitos éticos em pesquisa com seres humanos, sob aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Todos os sujeitos entrevistados, na época das entrevistas, conviviam de forma mais ou menos próxima nos ambientes de treinamento e nas equipes da mesma delegação na qual o entrevistador (primeiro autor do trabalho) era membro da equipe técnica.

### O cruzamento intencional entre as experiências

Nesse momento pretende-se atingir o aspecto universal das experiências, num processo que envolve ações de comparação – diferenciação e associação – e definição, o que permite extrair *categorias de sentido* que visam expressar esses aspectos comuns. As *categorias*<sup>4</sup>, ou

---

<sup>4</sup> Husserl (2006) afirma que “por categorias, podemos ora entender os conceitos em sentido de significações, mas ora também, e melhor ainda, as próprias essências formais, que encontram sua expressão nessas significações” (p. 48). As categorias exprimem e contêm aquilo que é geral, sendo que é preciso ter cuidado e aprender a separar a



*unidades de sentido*, são “como algo interior às experiências” e “visam destacar aspectos definidores do fenômeno conforme o mesmo se dá na coleta de dados, portanto, procuram evitar inflacionar ou deflacionar estes aspectos” (Ottoni, Ranieri e Barreira, 2008, p. 12). Destaca-se que essas categorias são extraídas e não criadas, são evidências das experiências, portanto, não são nem arbitrárias e nem uma nova camada de sentido racional colocada sobre a experiência, mas são propriamente a evidência do que se encontra em seus núcleos constitutivos. Assim, consuma-se a redução fenomenológica, num processo em que, a título de variação eidética, as experiências esportivas significativas são cruzadas intencionalmente, ou seja, busca-se encontrar os elementos essenciais ou universais entre os relatos (Barreira & Ranieri, 2013; Barreira, Ranieri & Carbinatto, 2009).

É possível identificar quatro momentos típicos entre as entrevistas realizadas com os atletas e que indicam uma dinâmica experiencial própria da experiência esportiva significativa: ampliação do encolhido, perseverança, imediatez e proteção.

### 1. Ampliação do Encolhido

Entre as quatro entrevistas, é nas três primeiras que a vivência do encolhimento e de sua ampliação aparece de forma mais acentuada, conforme se verá.

O encolhimento aparece nas duas primeiras entrevistas como medo, o qual implica seu enfrentamento na prática esportiva. Quando o sujeito 2 relata sobre o momento em que colocou uma venda nos olhos pela primeira vez, como exigência para poder jogar o *goalball*, ele diz:

*nesse dia eu senti muito medo – “Será que eu vou de repente arremessar a bola pra fora? Ou então, conforme eu for correr, eu vou tropeçar em alguma coisa? Ou vou esbarrar em cima de alguém?”... esse era meu sentimento no início... o medo de não tá vendo nada e me machucar de repente.*

Há uma relação interior entre ação (na prática), limites adversativos, os quais geram o medo – de esbarrar, de tropeçar, de cair –, e o desafio proposto e efetivo no esporte que é o que coloca o sujeito num movimento de lançamento, de lançamento para enfrentar o medo. “Mas isso eu superei depois, com um pouco de experiência” (S2); depois, é significativo o prazer, o gosto advindo desse movimento. Da posição de medo, passa-se, através desse desafio proposto no esporte, a uma nova atitude emocional, de sentir um prazer, já na nova posição, ampliada. Nesse movimento, há a presença constitutiva de um desejo: a nova posição ampliada implica o desejo de se lançar no desafio. O prazer vivido é o que desperta esse desejo e que faz expandir os horizontes vividos. Há uma satisfação em praticar o esporte e satisfazer-se contém esse movimento de lançar-se no desafio.

---

“significação” daquilo “que pode receber expressão *por meio de* significação” (idem). A categoria consegue conter o elemento específico, a vivência específica que se está referindo e a coloca em relação com a *forma em geral*, com a essência formal que é universal e da qual a vivência pertence.



Na fala do sujeito 1, também surge o medo, no caso, medo de se machucar, no início da sua prática do futebol.

*O cara que joga futebol de cego não pode ter medo, ainda mais na escola que é tudo bagunçado, é uma bola só pra ir todo mundo em cima... então, não pode ter medo de se machucar... então, eu achava que se eu passasse por aquilo, nenhuma outra coisa pra mim seria tão difícil...*

Nesse momento, aparece pela primeira vez no relato do sujeito uma experiência esportiva tomada para além do âmbito do esporte, uma vivência que seria assumida como atitude:

*eu me machucava muito jogando bola... então, eu achava mesmo que: “bom, eu me machuco jogando bola e to aqui jogando ainda, então eu tenho que me inspirar pra fora da quadra e ser assim também...” se tiver que me machucar, é cabeça erguida, vamos lá, vou de novo e pronto.*

No caso do sujeito 1, a ampliação do encolhido se configura também num movimento, do medo à experiência modelar da atitude de enfrentamento.

No relato do sujeito 3, a ampliação do encolhido pode ser destacada, primeiramente, no início de sua prática esportiva e, depois, em sua elaboração sobre dimensões mais amplas, como a social e a política. Destaca-se que o sujeito 3 experimenta uma abertura à experiência corporal a qual é própria do esporte: “*eu sempre tive o desejo muito grande, um desejo muito profundo, de sempre tá praticando, de nunca parar, sempre evoluir, sempre aprender mais e de sentir sempre mais a vida, sentindo o corpo e trazendo pro crescimento interno*”. Essa dimensão elementar de sua experiência possibilita o acontecimento de uma ampliação de sua própria experiência em outros aspectos. O primeiro aspecto é o social: “*então, foi despertando esse interesse e aquele convívio social dos amigos, conhecendo pessoas e vivendo como a vida pode nos oferecer, com novos horizontes, ampliando outros lados*”. A abertura experiencial por meio da experiência corporal vai em direção ao aspecto social, a qual se dirige ao aspecto político presente na experiência do sujeito.

*destaco o crescimento da pessoa num todo... o respeito com que essas pessoas vão sendo tratadas hoje... deixando de ser segregadas, deixando de estar dentro de suas casas... é lógico que nem todo mundo é dado a esporte...(..) o que destaco hoje é esse crescimento... é esse respeito que as pessoas vão tendo no qual aos poucos, as igrejas, as universidades, as escolas, elas vão dando oportunidades, vão se abrindo, o mundo vai se abrindo para que as pessoas comecem a participar dele de uma forma social, de uma maneira muito mais efetiva, com muito mais qualidade, mostrando que elas tem direito de ser feliz... então, são formas que vão sendo criadas pro ser humano viver, de maneira feliz... não importa aonde esteja...*

O corpo enfrenta os limites adversativos, deixa “*de estar dentro de suas casas*”, é corajoso; “*o mundo vai se abrindo (...) de maneira muito mais efetiva*” já que o corpo vai se abrindo no e ao mundo. A experiência de abertura da prática esportiva possibilita a abertura para os outros



âmbitos. As dimensões corporal, social e política, tão presentes no relato do sujeito 3, se mostram intimamente interligadas e possuem um encadeamento que tem como fundamento primeiro a intensidade do elemento corporal. Contudo, é preciso compreender bem que tal primariedade não é da ordem de uma anterioridade cronológica, mas da ordem de uma relevância vivida, isto é, daquilo que determina mais agudamente a qualidade da experiência. O corpo vivido, o “*sentindo o corpo*”, vivifica a possibilidade de posicionamento e agenciamento político. O desejo de praticar, de nunca interromper a prática, de sentir o corpo, possibilita essa abertura e ampliação dos horizontes de vida.

## 2. Perseverança

Em todas as entrevistas há relatos que apontam para um prazer referente à prática esportiva, principalmente vinculado à superação de um desafio. Este desafio, limite adversativo, pode gerar o medo, como no caso das duas primeiras entrevistas. Todavia, sucessivamente ao enfrentamento desse desafio, há o prazer intensificado, o qual possibilita um “*sentido de vida*”, conforme expressão utilizada pelo sujeito 3.

Percebe-se uma conexão própria entre esta categoria – perseverança – e a antecedente. A ampliação do encolhido pode ser lida como o processo de superação de um limite imposto, assim como a presença da formação do desejo. O ato de desejar, próprio da dimensão psíquica, implica uma falta e uma tendência a supri-la. Este ato pré-volitivo pode ser reconhecido e, em seguida, rejeitado ou assumido pelo sujeito. Se assumido, passa-se à ação, à realização de algo deliberado em direção ao desejo, decisão que é própria da dimensão espiritual (Stein, 1999) e que apresenta a *vontade* como fenômeno diferente de um simples querer, de um simples desejar. Essa dinâmica, todavia, não garante que a ação vá se consumir como pretendida, não garante que não haja uma frustração do desejo, “*porque no esporte, tem derrotas*” (S4). É justamente quando essa ação é frustrada, quando não obtém sucesso, mas também quando não leva à desistência e sim à insistência, à exigência colocada de um esforço volitivo pela continuidade, que se evidencia essa categoria: prevalece a perseverança.

*Mas com as derrotas a gente aprende a superar e ir em frente e saber que a gente é capaz de numa outra competição (...) ser campeões... (...) E por mais que a gente saiba que é difícil, tem derrotas, tem sofrimentos, tem perdas, mas mesmo com perdas, a gente tem que saber que a gente tem que continuar com aquela força, de vontade de lutar, de jogar, de vencer, de quebrar barreiras (S4).*

Essa perseverança, essa insistência no desejo na verdade marca a *vontade* como disposição espiritual enfatizada.

*Eu aprendi muito no esporte a ser uma pessoa determinada... dentro de um esporte, você tem que ser uma pessoa muito determinada... e se você usar a mesma força que*



*você tem dentro do esporte, a mesma vontade, a mesma "garra", a mesma união, aqui fora, você tem mais chances de alcançar êxito do que [se] você não trazer isso pra si...*

Portanto, a força, "garra", determinação são expressões da vontade que levam o praticante a perseverar, a insistir no desejo, outrora frustrado, da ação.

Há também uma disposição frente ao desafio bastante positiva; o prazer também aparece no relato do sujeito 4 como a experiência de se realizar:

*no esporte, ali dentro, era um momento assim que eu me realizava e ficava muito feliz, porque cada dia numa quadra, eu descobria que eu aprendia mais e mais e mais e podia ir além dos meus limites... se ontem foi de uma forma, hoje eu já conseguia me sair melhor em algumas coisas que eu ia aprendendo de novo.*

Realizar-se, portanto, confunde-se com consumir aquela volição cujo objeto determina o apreço por si, objeto esse que parece se caracterizar por ser inacabado e, assim, em constante renovação potencial, em constantes "auto-realizações" nas possibilidades de movimento.

### 3. Imediatez

Partindo do primeiro elemento destacado na primeira categoria, tem-se o medo frente ao desafio. Do medo à experiência de lançamento, envolvendo o desejo e a vontade, assim como os ajustes que aperfeiçoam a ação, conferindo-se numa aprendizagem pautada na perseverança de continuar e melhorar a prática, passa-se à relevância da imediatez da ação. Pode-se já antecipar que, na prática esportiva, aperfeiçoar a imediatez da ação é a própria meta a que se dirige a perseverança. Um exemplo é a fala do sujeito 1 sobre a adequação entre a ação e o tempo no *goalball*.

*Eu particularmente aprendi que certas coisas não se pode se pensar muito, porque a gente tem um tempo pra fazer aquilo...(...) no goalball a gente não pode ficar o tempo que quiser com a bola na mão pra arremessar...(...) isso também ocorre na vida, você tem aquele tempo pra fazer, se você não fizer determinada coisa pode ser que isso venha a te prejudicar no futuro.*

Do medo à imediatez da ação, no momento preciso de realização de um movimento há uma ampliação de intensidade do vivido. No momento da prática esportiva, para poderem realizar algo, os atletas com deficiência visual saem daquelas dependências de mediação externa, ao menos daquelas dependências que fogem das particularidades do esporte<sup>5</sup>. Há

---

<sup>5</sup> É importante observar que jogos de *goalball* ou futebol de 5, como exemplos, dependem da atuação de videntes (pessoas sem comprometimento visual) a fim de se garantir a adequação às regras. Os técnicos também costumam ser videntes, dando orientações que se pautam no recurso àquilo que é visto em jogo. Posto isto, deve-se precisar que, quando a bola está em jogo, a obrigatoriedade do silêncio – como regra cujo descumprimento é passível de punição – dá aos atletas independência para agir com base na audição dos guizos presentes na bola e, naquele momento, sem qualquer recurso a informações visuais.



um fenômeno, um lance esportivo e uma resposta para o mesmo cuja ação é independente de qualquer outro que não o próprio atleta. Contudo, se nessas ocasiões o atleta escapa à dependência de um outro, à mediação exterior, o atleta ainda se vê compelido a lidar com lances em que a resposta deve se dar também sem mediação interior, sem cálculo e previsão certa. No esporte, existem recorrentes situações em que a exigência de imediatez emerge unificando a temporalidade própria da expectativa e do retido com o momento presente, sem distinção, sem intervalo, mas numa unidade que justamente a caracteriza. O imediato cola a pretensão junto à ação, pois, quando a ação é solicitada, não necessariamente está em correspondência com aquilo que antes se esperava, com aquilo que antes se pretendia para ela: “a gente não pode ficar o tempo que quiser com a bola na mão” (S1). Quando na realidade espaço-temporal, isto é, no efetivar objetivo do lance, não há plena coincidência entre pretensão (intenção), ação (gesto) e efeito (gol ou defesa, por exemplo), confirmam-se o erro ou também o acerto arbitrário (caso em que a intenção era outra, mas o gesto decorre em sucesso). Ao contrário, quando há plena coincidência entre pretensão, ação e efeito, confirma-se o acerto e a imediatez corresponde à efetividade operativa. Na experiência acertada de imediatez, os atletas vivem a experiência de efetividade, vivem a capacidade do corpo no mundo, ganham confiança, abrem-se novos horizontes para eles, com novas trilhas para a mobilidade corporal exercer confiantemente seus gestos. Essa é a experiência que favorece a superação do medo ou da prudência excessiva marcada pelo cálculo e mediações externas e internas. É a experiência efetiva que se quer exercitar a fim de que sua sedimentação inscreva novas e precisas aberturas corporais – as disposições operativas do corpo, que também podem ser chamados de habitualidade corporal.

Na experiência do sujeito 1 no *goalball*, percebe-se que na imediatez ocorre algo que se pode chamar de *preenchimento afetivo responsivo*. Na medida em que a circunstância afeta o sujeito, ele responde: a mesma coisa que o afeta, o leva a responder imediatamente, isto é, nada se coloca à consciência do atleta entre o afeto e a resposta, a não ser, naturalmente, os próprios afeto e resposta. Estes, por suas vezes, são sujeitos à habitualidade de experiências prévias sedimentadas, mas atuante independentemente de recursos à memória ou ao pensamento – conforme se desenvolve no tema das sínteses passivas (Husserl, 2001; Ales Bello, 2004, 2006; Vannatta, 2008). Assim, ser preenchido pelo afeto leva ao preenchimento da resposta ativa, caracterizando um duplo preenchimento imediato: silêncio, o som da bola batendo no chão, o tilintar do guizo se intensificando, o salto junto à bola, a defesa. O sujeito está aberto a circunstâncias múltiplas, possibilidades diversas no mundo e no esporte. Como na simples abertura à imediatez, o sujeito vive no propósito do esporte, no agir solicitado pelo esporte no agora, ele responde à circunstância que o afeta imediatamente; viver a circunstância possibilita ao sujeito viver no aqui e agora. Nesse ponto, responder ao afeto e



viver no propósito revela um aspecto pessoal da experiência, podendo ser destacada a presença de atos espirituais. O destaque aqui é que o propósito se coloca como atenção ao que afeta, como um querer que deve se submeter à maneira como a circunstância se dá, circunscrevendo a difícil descrição daquilo que parece nem ser de ordem passiva e nem de ordem ativa. Aqui também há uma abertura específica: o corpo, que responde sem dúvidas, que é regularmente enclausurado em relação ao mundo compartilhado, se abre confiante para a ampliação da vivência na imediatez, potencializando-se de efetividade em efetividade confirmada.

#### 4. Protelação

De maneira mais ampla, a protelação da experiência está vinculada com a calma e a tranquilidade em situações esportivas específicas, como, segundo o relato dos sujeitos, na espera antes e durante uma partida. O relato do sujeito 1 citado na categoria anterior, sobre o tempo no *goalball*, também implica um ajuste entre a ação e os “tempos” esportivos, possibilitando um desdobramento em uma habilidade de se programar e, como consequência para a sua vida, ser mais responsável. Esse desdobramento na habilidade de se programar também se destaca na fala do sujeito 2, ao dizer que, a partir do convívio com os colegas, aprendeu a ter mais calma e menos afobação durante uma partida, caso falhasse em alguma ação.

*Dentro de quadra passaram pra mim ter mais calma, que antigamente eu era muito afobado... se eu errasse um lance eu ficava muito bravo, mas aprendi a ter mais calma, espírito esportivo, porque ninguém nunca quer perder, mas a gente teve que aprender a ganhar e também a perder.*

Tal desdobramento para esse sujeito também contém o desenvolvimento de uma disciplina, ao buscar sempre melhorar na prática esportiva. Saber esperar sua vez, saber que cada um tem sua vez, cada um tem seu momento, sua chance, são momentos de espera pela ocasião certa de poder participar e desempenhar a ação esportiva, de acordo com o sujeito 3.

*Quando o treinador me coloca dois minutos antes de terminar o jogo, esteja ganhando ou perdendo, eu vou entrar, porque é a minha vez... aquele minuto me soma... por mais que eu faça uma defesa ou não faça nenhuma, ou não faça nenhum gol, você entrou, você está colaborando.*

A experiência protelada se configura na impossibilidade de viver a imediatez do propósito a todo o momento. A imediatez depende da resposta ao afeto, da circunstância, tomando a circunstância como elemento espaço-temporal (a bola vindo em sua direção, por exemplo). Se há o desejo sem a circunstância, quer-se responder a algo que ainda não existe, que vai além das possibilidades espaço-temporais do agora. “[No *goalball*] não importa onde a bola fosse, eu queria estar lá também... (...) o gol tem nove metros e eu achava que eu tinha que cobrir os



*nove metros, onde a bola fosse eu teria que ir também... de tanto que eu gostava”* (S1). Esse é um exemplo de como o excesso do desejo pelo movimento, o qual satisfazia o sujeito, ultrapassa a exigência do propósito no aqui e agora. Dessa forma, a experiência protelada se dá em “aprender” a esperar, um aprendizado afetivo de acordo com as situações específicas da modalidade, mas que pode ser transposto enquanto atitude para outros setores da vida dos atletas, já que a clareza evidente da vivência torna-se significativa e instrutiva em outras circunstâncias.

### O entrelaçamento das vivências

As duas primeiras categorias, *Ampliação do Encolhido e Perseverança*, apresentam uma dinâmica temporal de continuidade, cuja compreensão ficaria prejudicada caso essa abordagem as tratasse sem a devida rearticulação que lhes cabe. A ação esportiva envolve desafios constantes, obstáculos naturais e vividos de forma mais ou menos intensa pelo praticante. Frente à situação desafiadora que obstaculiza o desenrolar desimpedido da ação – situação nova ou situação já experimentada de forma semelhante e que pode, por exemplo, ter resultado em insucesso -, há um estremecimento, um receio ou o sentimento de medo. Sem a proposta desafiadora que amplie o encolhido e seja assumida com perseverança, não haverá uma resposta em nível existencial, configurando uma identidade de atleta, conforme se encontrou entre os sujeitos entrevistados. A proposta de desafio na ação esportiva se dá na operatividade corporal, em cada sujeito e compartilhada intersubjetivamente. Essa proposta é objeto reduzido, é elemento constituinte da dimensão existencial dos atletas. No entanto, parte-se dessa dimensão para chegar aos elementos essenciais, ou melhor, *individuar* esses elementos da experiência, como princípio da redução fenomenológica; após a redução, é preciso voltar à dimensão existencial, ao mundo da vida para se ver como se dão as vivências e como se configuram como significativas e transformadoras, a ponto de extravasarem em outros setores da vida desses atletas.

Contudo, retornando à dinâmica, após o medo, há o momento de enfrentamento que é imposto pela própria situação esportiva; o desafio implica seu enfrentamento ou a desistência. No caso do enfrentamento, como é o que ocorre na experiência dos praticantes entrevistados, há um momento de prazer, de realização após superar a situação desafiadora. O ir e vir entre o momento de encolhimento até sua ampliação carregada de prazer pode ser a dinâmica experiencial que leva o praticante de esporte a se manter na prática e o esporte a tornar-se gradualmente significativo em sua vida.

Essa ampliação do encolhido se dá, especialmente aqui, como modificação de uma condição em que antes se sobressaía a deficiência visual como agudização de um limite restritivo e, então, passa a se sobressair a ação como abertura situada num limite reinformado e reformado por esta presença afirmativa do sujeito. A experiência de encolhimento, aqui



descrita, encontra certas correspondências com a noção de “meio encolhido” a que se refere Ricoeur (2008) e cuja similaridade inspirou o uso da expressão<sup>6</sup>. À condição de encolhimento concerne um entrançamento de níveis biológico, social e existencial. A diferença biológica, que pode ser tratada por déficit, também pode ser abordada positivamente como “organização outra”, qualitativamente diferente. Enquanto “estigma social por excelência”, o que pode eventualmente ser o caso para o deficiente visual, “a exclusão (...) não tem modelo biológico definido, mas socialmente um modelo pertinente” (Ricoeur, 2008, p. 214). A exclusão da pessoa com deficiência pode acontecer, na melhor das intenções, por exemplo, por excesso de zelo e prudência numa compreensão social estritamente deficitária de sua condição biológica. Já na ampliação do encolhido, aqui conferida, é a organização outra que sobressai, com sua conseqüente reivindicação política por inclusão social. No cerne desta experiência, contudo, é o nível existencial que dá espessura a seu novo modo de ser no mundo em que “o indivíduo se define em referência a si mesmo em função de seu horizonte de desempenhos, com seus critérios pessoais de efetuação e avaliação” (idem, p. 218). Em suma, a experiência esportiva é fator modificador dessa condição; no esporte, há a efetividade da experiência de si de modo eloquentemente corporal. Essa efetividade está de acordo com uma proposta intersubjetiva, compartilhada, portanto social. O propósito no esporte os insere no mundo comum, no mundo compartilhado, de fazer *com os outros*. Como mencionado, essa experiência corporal, no propósito esportivo, com os outros, possibilita a ampliação a partir da efetividade, do senso de capacidade própria e comum, isto é, da capacidade da pessoa e da capacidade da pessoa *em comunidade*, da possibilidade de realização do desejo, este se tornando vontade frente às barreiras impostas regularmente durante a prática esportiva.

Parte substancial dos resultados a que chega Winance (2006) é bastante próxima àqueles ora alcançados, resguardando as diferenças entre procedimentos e recortes adotados. A autora parte do método etnográfico, da perspectiva merleau-pontyana e faz uma enumeração descritiva de pessoas com deficiência em processo de reabilitação. Uma das categorias identificadas por ela é a “retração” do corpo e do mundo; o conceito é de origem biomédica, mas, segundo sua discussão com base no pensamento de Merleau-Ponty, se aplica ao movimento vivido por pessoas que adquiriram a condição de deficiência. Conforme a enumeração feita, o corpo e o mundo se retraem, o que vai de encontro com a noção de encolhimento ora utilizada. Fica evidente a marcação dos elementos negativos dessa retração, o que dá os contornos próprios à reação emocional vivida pelas pessoas na nova condição limitante. A autora também destaca um movimento que vai da retração à expansão, sendo este último elemento favorecido por uma atividade de reabilitação bem orientada aos aspectos vividos pela pessoa.

---

<sup>6</sup> Este conceito, analisado por Paul Ricoeur a partir das noções de Georges Canguilhem (1904-1995) a respeito das condições de normalidade e patologia como fonte de respeito.



Foi possível perceber também que algumas experiências vividas no esporte são transpostas para a vida cotidiana dos sujeitos. Com o próprio movimento existencial que ocorre na vida deles, principalmente o movimento de ampliação da condição de encolhimento pela efetividade da experiência de si, há o apontamento de como certas experiências passam a ser assumidas como referência modelar na vida cotidiana. Destacou-se também que essas experiências vividas não foram situações extraordinárias ocorridas em determinados contextos específicos e que nunca se repetiram. Pelo contrário, são experiências ordinárias da prática esportiva, situações aparentemente simples que podem aparecer em experiências práticas dentro dos limites, e regras e propósitos do esporte. A regularidade, a constância, a repetição dessas experiências típicas conformam hábitos esportivos eventualmente aplicáveis a outros setores da vida. No entanto, não são como quaisquer hábitos; a regularidade dessas experiências é marcada – ou foi marcada, em alguma situação do horizonte esportivo dos atletas – por algum momento transformador, desafiador, e tal marca pode continuamente latejar durante a prática como espécie de disposição corporal para a ação efetiva. Ser mais responsável, agir no momento, ter o tempo adequado para tomar decisões, são ações que sintetizam aquilo que é significativo e que, aprendido no esporte, é eventualmente assumido pelos sujeitos como modelo de valores incorporados passíveis de transposição para outras situações da vida cotidiana.

A experiência esportiva possui um substrato hilético (material, corporal) que é altamente significativo quando se desce analiticamente junto a seus sedimentos mais profundos. Primeiramente, o corpo não é considerado somente como coisa física, mas como corpo próprio vivente. Como implicação,

As sensações localizadas não são propriedades do corpo próprio *enquanto* coisa física, por outro lado são propriedades da coisa-corpo próprio, e isto enquanto propriedades do tipo-efeito. Elas entram em jogo *quando* o corpo é tocado, pressionado, picado, etc., e entram em jogo *lá onde* ele está e *no momento onde* está; em certas circunstâncias, duram muito tempo após o contato (Husserl, 2004, pp. 208-209, tradução nossa).

Dessa forma, o aspecto hilético da experiência é determinante da atitude esportiva, tomando parte na constituição do desejo, do querer e mover de modo elementar a volição. Além disso, junto à esfera hilética pode se sedimentar e se disponibilizar a inscrição de novas aberturas no mundo, isso que se chamou aqui de hábito. “*O conjunto da consciência de um homem está de certa forma ligado a seu corpo pelo seu substrato hilético, mas na verdade as próprias vivências intencionais não estão mais diretamente (...) localizadas, não formam mais uma camada ao mesmo corpo*” (idem, p. 217, tradução nossa). Portanto, a experiência sensível localizada e originária pode bem se “degradar” em hábitos (intenções disponíveis) passíveis de transposição para outros contextos independentes das circunstâncias afetivas (hiléticas) dadas até então, mas, mesmo que independentes, guardando uma essência comum enquanto



experiência típica (como no enfrentamento do desafio e na protelação). É o que ocorreu em alguns momentos específicos na vida dos atletas.

### Considerações finais

Pela temática e pela abordagem voltada à apreensão da dinâmica de vivências determinantes para a configuração da subjetividade, este trabalho coloca-se no campo de uma psicologia do esporte de perspectiva fenomenológica. A identificação de experiências significativas no esporte para os atletas com deficiência visual possibilitou o acesso a conteúdos próprios da dimensão existencial desses sujeitos, no sentido de destacar elementos de ordem e orientação pessoal e subjetiva. Tal identificação possibilita o aprofundamento das análises após o *cruzamento intencional* dessas vivências, no caminho da dimensão ou orientação fenomenológica, objetivo próprio da redução e da descrição de como se dão estas experiências junto à consciência do esportista tendo como fonte as narrativas de atletas com deficiência visual. Além disso, com a localização das atitudes, é possível destacar as possibilidades dessas *transposições* como experiências modelares na vida desses sujeitos.

No caminho analítico realizado, da dimensão existencial (apreendida em cada entrevista sob orientação pessoal) em direção à dimensão fenomenológica (cruzamento intencional), há a presença indicativa de uma dinâmica experiencial própria do esporte, além de outros aspectos vivenciais: a relação ação-limite e o prazer advindo da realização esportiva, alçando-se à forma do desejo corporal que se infiltra na persistência atlética, esta de caráter volitivo e exigindo uma disposição pessoal, sem a qual não há personalidade correspondente à cultura esportiva. Tais considerações, reduzidas em seu delineamento compreensivo, podem indicar elementos essenciais próprios da prática esportiva em geral, embora individuadas aqui no relato de atletas com deficiência visual.

Através da análise, chegou-se aos elementos essenciais da experiência desses atletas e como eles se articulam na dimensão existencial deles, principalmente por serem experiências significativas. Partiu-se do mundo da vida desses sujeitos, reduzindo-o a seus elementos universais, retornando ao mundo da vida para perceber o modo típico pelo qual essas vivências se articulam e se enraízam em suas vidas. Percebeu-se também uma ampliação de compreensão desses processos no esporte para essas pessoas e como este âmbito altera o modo deles estarem no mundo. Comumente, a operatividade do corpo é compartilhada socialmente pela ineficiência, pela prudência, pela dependência ostentada pelo registro do déficit: para as pessoas com deficiência vivendo no horizonte encolhido há, em muitas situações, a mediação do outro, por mais que eles realizem ações regularmente. Dessa forma, a sombra da dependência permanece. A prática esportiva oportuniza experiências de efetividade corporal, de maneira intensa, realizadora e, sobretudo, compartilhada socialmente. De que modo as facetas essenciais identificadas aqui, as quais podem ser



características do fenômeno esportivo de maneira geral, configuram a dimensão existencial desses atletas? O que na prática esportiva é diferente para estes atletas a ponto de tais experiências se tornarem significativas e até transformadoras? Os atletas com deficiência visual, no esporte, experimentam uma situação de efetividade corporal e de ampliação da condição existencial deles, da condição com que seu corpo se lança no mundo e, assim, pela modificação do encolhimento dessa esfera, experimentam a potencialização afirmativa de seu ser no mundo.

## Referências

- Ales Bello, A. (1998). *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica* (A. Angonese, Trad.). São Paulo: Edusc. (Publicação original de 1997).
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião* (M. Mahfoud & M. Massimi, Orgs. e Trads.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 2004).
- Ales Bello, A. (2006). *Introdução à fenomenologia* (J. T. Garcia & M. Mahfoud, Trads.). Bauru, SP: Edusc. (Publicação original de 2004).
- Ancet, P. (2008). Le corps vécu et l'expérience du handicap. *ALTER, European Journal of Disability*, 2, 95-108.
- Barreira, C. R. A. (2013). *O sentido do karate-do: faces históricas, psicológicas e fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Barreira, C. R. A., Ranieri, L. P. & Carbinatto, M. V. (2009). O mundo circundante na atividade física: uma investigação fenomenológica. Em *Anais Congresso Internacional de Psicologia e X Semana de Psicologia da UEM, IV*, (pp. 1-14). Maringá, PR: UEM.
- Barreira, C. R. A. & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. Em M. Mahfoud & M. Massimi (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Belo Horizonte: Artesã.
- Bento, J. O. (2002). Da saúde, do desporto, do corpo e da vida. Em V. J. Barbant, A. C. Amadio, J. O. Bento & A. T. Marques (Orgs.). *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde* (pp. 1-10). São Paulo: Manole.
- Bento, J. O. (2003). Do sentido cultural do desporto. Em A. Prista, A. Marques, A. Madeira & S. Saranga (Orgs.). *Atividade física e desporto: fundamentos e contextos* (pp. 13-22). Lisboa: FCDEUP.
- Bredahl, A. M. (2007). Participation of people with disabilities in adapted physical activity research. *Sobama Journal*, 12(1), 74-79.



- Brown, T. D. & Payne, P. G. (2009). Conceptualizing the phenomenology of movement in physical education: implications for pedagogical inquiry and development. *Quest*, 61(4), 416-441.
- Connolly, M. (1995). Phenomenology, physical education and special populations. *Human Studies*, 18(1), 25-40.
- Edwards, S. D. (1998). The body as object *versus* the body as subject: the case of disability. *Medicine, Health Care and Philosophy*, 1, 47-56.
- Gaya, A. (2007). O desporto como questão científica: dialética e transdisciplinaridade. Em J. O. Bento & J. M. Constantino (Orgs.). *Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito* (pp. 203-229). Coimbra, Portugal: Almedina.
- Garcia, R. P. (2002). Contributo para uma compreensão do desporto: uma perspectiva cultural. Em V. J. Barbanti, A. C. Amadio, J. O. Bento & A. T. Marques (Orgs.). *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde* (pp. 321-327). São Paulo: Manole.
- Hochstetler, D. R. (2003). Process and sport experience. *Quest*, 55(3), 231-243.
- Husserl, E. (2001). *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia* (F. Oliveira, Trad.). São Paulo: Madras. (Original publicado em 1931).
- Husserl, E. (2004). *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures, Livre Second: Recherches Phénoménologiques pour la constitution* (E. Escoubas, Trad.). Paris: PUF. (Original publicado em 1952).
- Husserl, E. (2006). *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura* (M. Suzuki, Trad.). São Paulo: Idéias & Letras. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (2012). *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à Filosofia Fenomenológica* (D. F. Ferrer, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1954).
- Kerry, D. S. & Armour, K. M. (2000). Sport sciences and the promise of the phenomenology: philosophy, method and insight. *Quest*, 52, 1-17.
- Kunz, E. (2000). Esporte: uma abordagem com a fenomenologia. *Movimento* (Porto Alegre), 6(12), 1-13.
- Masini, E. F. S. (1992). O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 1(1), 29-39.
- Masini, E. F. S. (1993). Algumas noções sobre a fenomenologia para o pesquisador em educação. *Revista da Faculdade de Educação (São Paulo)*, 19(1), 71-78.



- Masini, E. F. S. (1994). *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. Brasília: CORDE.
- Merleau-Ponty, M. (2011). *Fenomenologia da percepção* (4a. ed.). (C. A. R. de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Original publicado em 1945).
- Moura e Castro, J. A. (2002). Desporto para deficientes: problemas contemporâneos. Em V. J. Barbanti, A. C. Amadio, J. O. Bento & A. T. Marques (Orgs.). *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde* (pp. 197-214). São Paulo: Manole.
- Ottoni, G. P., Ranieri, L. P. & Barreira, C. R. A. (2008). O posicionamento existencial frente à dor: uma aproximação fenomenológica às experiências de atletas lesionados em tratamento. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 2, 1-32.
- Overboe, J. (1999). "Difference in itself": validating disabled people's lived experience. *Body & Society*, 5(4), 17-29.
- Paes, R. R. (2002). A pedagogia do esporte e os esportes coletivos. Em D. Rose Jr. (Org.). *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar* (pp. 89-98). Porto Alegre: Artmed.
- Porto, E. (2005). *A corporeidade do cego: novos olhares*. Piracicaba, SP: Unimep; Memnon.
- Ranieri, L. P. & Barreira, C. R. A. (2008a, setembro). *As experiências de superação de atletas com deficiência visual no esporte: análise fenomenológica*. Trabalho apresentado no XII Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, Porto Alegre, RS.
- Ranieri, L. P. & Barreira, C. R. A. (2008b). A superação esportiva vivenciada por atletas com deficiência visual: análise fenomenológica. Em *Anais do Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, 16º*. São Paulo: USP. Recuperado em 10 de outubro, 2008, de <https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumo?numeroInscricaoTrabalho=3240&numeroEdicao=16>
- Ranieri, L. P. & Barreira, C. R. A. (2012). A empatia como vivência. *Memorandum*, 23, 12-31. Recuperado em 10 de novembro, 2012, <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a23/ranieribarreira01>
- Ricoeur, P. (2008). A diferença entre o normal e o patológico como fonte de respeito. Em P. Ricoeur. *O justo 2: justiça e verdade e outros estudos* (pp. 209-220). (I. C. Benedetti, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Original publicado em 2001).
- Sandel, M. J. (2013). *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética* (A. C. Mesquita, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Publicação original de 2007).



- Serpa, S. (2007). Excelência desportiva: uma expressão humana. Em J. O. Bento & J. M. Constantino (Orgs.). *Em defesa do desporto: mutações e valores em conflito* (pp. 371-392). Coimbra, Portugal: Edições Almedina.
- Stein, E. (1999). *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica* (2a. ed.). (A. M. Pezzella, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original em alemão publicado em 1922).
- Stelter, R. (2000). The transformation of body experience into language. *Journal of Phenomenological Psychology*, 31(1), 63-77.
- Surdi, A. C. & Kunz, E. (2009). A fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo. *Movimento* (Porto Alegre), 15(2), 187-210.
- Toombs, S. K. (1995). The lived experience of disability. *Human Studies*, 18, 9-23.
- Vannatta, S. (2008). A phenomenology of sport: playing and passive synthesis. *Journal of the Philosophy of Sport*, 35(1), 63-72.
- Winance, M. (2006). Pain, disability and rehabilitation practices: a phenomenological perspective. *Disability and Rehabilitation*, 28(18), 1109-1118.

#### **Nota sobre os autores**

*Leandro Penna Ranieri* é graduado em Ciências da Atividade Física, mestre em Ciências, área Estudos do Esporte, e doutorando em Ciências, área História Social, pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor substituto da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: ranierileandro@gmail.com

*Cristiano Roque Antunes Barreira* é psicólogo, professor doutor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo entre 2005 e 2009. Atualmente é docente da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (USP). E-mail: crisroba@gmail.com

Data de recebimento: 01/04/2013

Data de aceite: 31/10/2013